

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA (IFSC)
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EAD (CERFEAD)
ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

ESTRATÉGIAS TECNOLÓGICAS DE ESTÍMULO À LEITURA

Trabalho de Conclusão

Diego Fincatto

Luis Gustavo Varela

Florianópolis/SC

2019

DIEGO FINCATTO
LUIS GUSTAVO VARELA

ESTRATÉGIAS TECNOLÓGICAS DE ESTÍMULO À LEITURA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Centro de Referência em Formação e EaD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) como requisito parcial para Certificação do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional.

Orientador: Prof. Msc. Dorival Menegaz Nandi

Florianópolis/SC
2019

DIEGO FINCATTO
LUIS GUSTAVO VARELA

ESTRATÉGIAS TECNOLÓGICAS DE ESTÍMULO À LEITURA

Este Trabalho de Conclusão foi julgado e aprovado para a obtenção do título de Especialista em Tecnologias para Educação Profissional do Centro de Referência em Formação e EaD do Instituto Federal de Santa Catarina (CERFEAD/IFSC).

Florianópolis, 25 de abril de 2019.

.....
Prof. Carlos Alberto da Silva Mello, MSc.
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dorival Menegaz Nandi, Me - Orientador

.....
Prof^a. Valéria Silva Ferreira, Dra. - Avaliadora

.....
Prof^a. Laurete Medeiros Borges, Dra. - Avaliadora

RESUMO

O objeto de estudo é o processo de formação de leitores no nível fundamental e médio técnico. O problema de pesquisa questiona como os professores utilizam estratégias e metodologias ativas para estimular a leitura nas escolas. O objetivo geral é identificar e analisar as tecnologias e estratégias utilizadas pelos docentes da educação básica de nível fundamental de Navegantes/SC e médio técnico do IFC Camboriú (SC) para estimular práticas pedagógicas para a leitura. Os objetivos específicos se desdobram em i) Verificar as propostas de metodologias ativas que envolvam as novas tecnologias dos professores e atividades diferenciadas que estimulem a leitura; ii) reconhecer o panorama geral da leitura nos universos educacionais selecionados do IFC Camboriú e do Município de Navegantes - SC; iii) apontar as tendências pedagógicas dos professores por meio de questionários e; iv) Comparar as utilizações e apropriações tecnológicas nos dois contextos. A metodologia consiste em análise quantitativa de base de dados de formulário eletrônico sistematizado pelo Google Formulário gerados no Google Drive. Os resultados apontam uma frequência alta de estimulação de leitura, na qual 70% dos professores dedicam espaço e apostam em metodologias de convergência em tecnologia e interdisciplinaridade, mas também aponta o campo digital como o principal meio onde ocorre a prática da leitura pelos próprios docentes que registraram acessar informações e notícias por mídias digitais, portais e WhatsApp, deixando em segundo plano os meios televisivo, radiofônico e impresso (jornal e revistas).

Palavras-chave: Educação Profissional. Leitura. Tecnologia. Metodologias. Educação Básica. Multidisciplinar.

ABSTRACT

The object of study is the process of training readers at the fundamental and technical level. The research problem questions how teachers use strategies and active methodologies to stimulate reading in schools. The general objective is to identify and analyze the technologies and strategies used by teachers of basic level education at Navegantes / SC and technical middle of IFC Camboriú (SC) to stimulate pedagogical practices for reading. The specific objectives are: i) To verify the proposals of active methodologies that involve the new technologies of the teachers and differentiated activities that stimulate the reading; ii) to recognize the general panorama of reading in the selected educational universes of IFC Camboriú and the Municipality of Navegantes - SC; iii) to point out the pedagogical tendencies of teachers through questionnaires and; iv) Compare technological uses and appropriations in the two contexts. The methodology consists of quantitative and qualitative analysis of electronic form database systematized by Google Form generated in Google Drive. The results show a high frequency of reading stimulation, in which 70% of teachers dedicate space and focus on methodologies of convergence in technology and interdisciplinarity, but also points the digital field as the main medium where the practice of reading by the teachers themselves occurs. recorded access to information and news through digital media, portals and WhatsApp, leaving the television, radio and print media (newspaper and magazines) in the background.

Palavras-chave: Professional education. Reading. Technology. Methodologies. Basic education. Multidisciplinary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pirâmide de Glesser	19
Figura 2 - Distribuição dos campi do IFC	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução de investimento em Educação	25
Gráfico 2 - Índice de professores com ensino superior completo	26
Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos professores	32
Gráfico 4 - Experiência dos docentes na educação	33
Gráfico 5 - Declaração em relação ao gênero	33
Gráfico 6 - Faixa etária dos profissionais	34
Gráfico 7 - Etnia dos profissionais.....	35
Gráfico 8 - Quantidade de livros técnicos ou literários que os respondentes costumam ler por ano.....	36
Gráfico 9 - Como você costuma se informar no dia a dia	37
Gráfico 10 - Recursos utilizados em salas de aula.....	38
Gráfico 11 - Leituras dinâmicas realizadas pelos professores em sala de aula	39
Gráfico 12 - Como os alunos se acomodam em sala de aula.....	40
Gráfico 13 - Indicação de livros por parte dos professores aos alunos.....	41
Gráfico 14 - Estratégias usadas em sala de aula	42
Gráfico 15 - Estruturas institucionais de ensino necessárias ao aprendizado dos estudantes...43	
Gráfico 16 - Didáticas adotadas pelos professores para promover aulas diferenciadas	44
Gráfico 17 - Propostas interdisciplinares ou multidisciplinares	45
Gráfico 18 - Avaliação pessoal sobre as propostas interdisciplinares	46
Gráfico 19 - Você relaciona o incentivo à leitura à disciplina de Língua Portuguesa?	47
Gráfico 20 - Frequência de leitura dos alunos e oferta de tempo para leituras livres.....	48
Gráfico 21 - Percepção sobre o rendimento de leitura dos alunos	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa.....	13
1.2 Pergunta de pesquisa.....	16
1.3 Hipótese	16
1.4 Objetivo geral	16
1.5 Objetivos específicos.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 Levantamento de dados e histórico de Navegantes/SC.....	24
4.2 Levantamento de dados e histórico do IFC Campus Camboriú.	28
4.3 Análise da aplicação de questionários.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6 REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão realizado com a vinculação ao Centro de Referência em Formação e EaD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) como requisito parcial para Certificação do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional, elaborado pelos alunos Diego Fincatto¹ e Luis Gustavo Varela² e orientado pelo professor Dorival Menegaz Nandi³, tem como título “Estratégias tecnológicas de estímulo à leitura”.

O contexto atual de uma sociedade do conhecimento (CASTELLS, 2003) eleva a responsabilidade social do papel do professor frente aos temas interdisciplinares e transversais que garantam uma formação mais ampla dos estudantes. Nesse sentido, a formação e para a leitura e o despertar do interesse por ela, deve estar entre as prioridades de qualquer instituição de ensino comprometida com o desenvolvimento da formação dos públicos que atende. Uma vez que a leitura é o pilar para o avanço e progresso nos estudos de todas as áreas do conhecimento.

Ao sinalizar a importância da leitura, é preocupante o resultado de alguns estudos e índices que demonstram um longo período para atingir patamares mais elevados em relação ao desenvolvimento da leitura no Brasil. De acordo com o relatório sobre a crise da aprendizagem produzido pelo Banco Mundial com dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) divulgado em 2018, o Brasil levará 260 anos para atingir patamares de países desenvolvidos na leitura

Mais de 70% da população brasileira gostam de ler e 22% dos entrevistados consideram “a leitura uma fonte de conhecimento para a vida”. É o que diz a pesquisa “Retratos da Literatura no Brasil, em sua 4ª edição realizada em 2015 pelo Instituto Pró-livro (IPL) e divulgada pelo Ibope Inteligência. O resultado obtido nesta edição da

1 Bacharel em Agronomia. Técnico Administrativo em Educação do Instituto Federal Catarinense, Campus Camboriú.

2 Jornalista e licenciado em Letras, mestre em Jornalismo pelo PPGJOR/CCE/UFSC, atua na Educação Básica e na tutoria de cursos tecnológicos da Faculdade Educacional da Lapa – FAEL.

3 Licenciado em Ciências pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 1973, graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina pela UFSC (1984), mestre em Engenharia Elétrica pela UFSC (2004) e especialista em Metodologia do Ensino (1993). Professor aposentado e colaborador do Instituto Federal de Santa Catarina.

pesquisa indica o crescimento do percentual da população leitora no Brasil para 56%, em face dos 50% apontados no estudo anterior realizado em 2011.

Entretanto, políticas e ações específicas, intencionais, desenvolvidas e implementadas pelos setores público, privado e não governamental, são e continuarão sendo necessárias, tanto para a disseminação do hábito de leitura quanto para a inserção dos demais 44% da população brasileira no universo de leitores. Essa realidade é resultado de um processo complexo do desenvolvimento da educação no Brasil.

Nas últimas décadas, o Brasil tem experimentado o fenômeno no aumento da escolaridade média da população, com uma redução na proporção e analfabetos e indivíduos com escolaridade até o Fundamental I e aumento da proporção de brasileiros com Ensino Superior e, sobretudo Ensino Médio. Com o envelhecimento da população, por conta da diminuição da natalidade e o aumento da expectativa de vida, a parcela da população que está estudando também vem reduzindo ao longo dos anos, sobretudo na educação básica. No entanto, de acordo com o INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional), apesar do percentual da população alfabetizada funcionalmente ter passado de 61% em 2001 para 73% em 2011, apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática. A pesquisa do Instituto Pró-Livro demonstra, no entanto, que o aumento da escolaridade média da população brasileira teve um caráter mais quantitativo (mais pessoas alfabetizadas) que qualitativo (do ponto de vista do incremento na compreensão leitora).

Em 2015, 56% da população brasileira com 5 anos ou mais é considerada leitora de acordo com os critérios da pesquisa (ter lido ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa). Um dos principais destaques da pesquisa, em 2015, é o fato de a população adulta e a que está fora da escola estarem lendo mais do que foi observado nos anos anteriores, embora ser leitor ainda seja uma característica significativamente associada à escolaridade, à renda e ao contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos, o que aponta para um desafio no processo de inclusão de parte significativa dos brasileiros classificados como parte da população leitora.

Ramos (2010) considera a dualidade histórica que marca o ensino no país, especialmente no núcleo substancial do percurso formativo, o ensino médio.

“Esta marca atravessa a história da educação brasileira, desde os tempos em que a educação profissional era uma política para tirar do vício e do ócio os desvalidos da sorte; passando pelas políticas de equivalência e de compulsoriedade do ensino técnico; pelas lutas em defesa da escola unitária, derrotadas pela reforma conservadora do governo FHC, até chegarmos nos dias de hoje. A revogação do Decreto nº 2.208/97 e o advento do Decreto nº 5.154/2004 foi uma condição *sine qua non* para isso; mas, de fato, o conteúdo dessa disputa transcende o campo jurídico e atinge dimensões ideológicas sobre concepção de mundo, que se concretizam em escolhas epistemológicas e metodológicas no desenvolvimento das propostas educacionais (RAMOS, 2010, p. 43).

A partir dessa perspectiva, encarando os reais problemas relacionados com o desempenho dos futuros atores sociais que ocuparão o mercado de trabalho, a leitura é um domínio imprescindível do ponto de vista da continuidade cultural e das relações sociais que necessitam do desenvolvimento da linguagem.

“Por essa perspectiva, a cultura deve ser compreendida no seu sentido mais ampliado possível, ou seja, como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma população determinada. Portanto, cultura é processo de produção de símbolos, de representações, de significados e, ao mesmo tempo, prática constituinte e constituída do/pelo tecido social” (RAMOS, 2010, p. 49).

É preciso considerar o que a autora supracitada também estabelece como uma contraposição entre a formação por competência frente ao historicismo como método para conceber a cultura como base da síntese entre a formação geral e específica como as diferentes formas de criação e que motivam o avanço do conhecimento em uma sociedade.

A formação profissional, por sua vez, é um meio pelo qual o conhecimento científico adquire, para o trabalhador, o sentido de força produtiva, traduzindo-se em técnicas e procedimentos, a partir da compreensão dos conceitos científicos e tecnológicos básicos. Para essa finalidade, a noção de competência deve ser também superada, por reduzir a atividade criativa e criadora do trabalho a um conjunto de tarefas. (...) Com isso, queremos erigir a escola ativa e criadora organicamente identificada com o dinamismo social da classe trabalhadora. Como nos diz Gramsci (1991), essa identidade orgânica é construída a partir de um princípio educativo que unifique, na pedagogia, *éthos*, *logos* e *técno*s, tanto no plano metodológico quanto no epistemológico. Isso porque esse projeto materializa, no processo de formação humana, o entrelaçamento entre trabalho ciência e cultura, revelando um motivo permanente de inovação do mundo material e social” (RAMOS, 2010, p. 50).

Observa-se que o papel das escolas e a metodologia adotada para o desenvolvimento é decisivo no processo de aprendizagem. As metodologias ativas abordadas nessa pesquisa estão na direção do pensamento de Ramos (2010) e produzem uma aproximação com a concepção de cultura, eixos transversais do ensino e comprometimento geral com uma dessas habilidades que passa pela alfabetização e culmina no domínio da leitura até a produção de símbolos, significados e, por que não, conhecimento que estão apoiados no historicismo de Gramsci (1991), vertente de pensamento que ajuda a superar o enciclopedismo - quando conceitos históricos são transformados em dogmas - e o espontaneísmo, forma acrítica de apropriação dos fenômenos, que não ultrapassa o senso comum.

Compartilha-se da inquietação da qual bem define Carlos Drummond de ANDRADE (1902 - 1987) o qual diz que "a leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente essa sede". Essa observação aproxima a preocupação da pesquisa com a realidade da leitura em nível nacional e também local.

O ponto crucial dessa problematização figura-se principalmente na ausência de interesse da atual geração de cidadãos em formação em adquirir subsídios, sejam intelectuais ou argumentativos, para confeccionar corretamente um texto, uma interpretação ou percepção, isto é, a ausência de interesse em ler.

Para Algarte Filho (2017) a rotina social que se encontra vigente no mundo atualmente se define com a compactação de grandes textos em pequenas citações, que rotineiramente são compartilhadas e repassadas por meio de aplicativos e redes sociais que condensam e limitam ainda mais as mensagens para que assim um maior número de interlocutores se interessem pela ideia compartilhada sem demais aprofundamentos técnicos ou delongas.

"Em contrapartida, o prazer causado por mensagens curtas e textos diminutos gera um total desconforto quando a leitura é longa e pormenorizada, causando assim, de forma gradual e por vezes imperceptível, um novo modelo de leitura para com toda a sociedade, sendo esta dinâmica, superficial e perigosa" (ALGARTE FILHO, 2017).

Concorda-se com o autor quando este afirma que a interação social causada principalmente por aplicativos virtuais e redes sociais está ocasionando a inação e ociosidade linguística, bem como a apatia e desídia quanto à leitura das verdadeiras

fontes culturais de conhecimento, deixando, pois, as pessoas com conceitos e conhecimentos muito abaixo dos necessários para a elaboração de textos e comunicação formal escrita.

A sociedade como um todo está perdendo o prazer e o hábito da leitura profunda e relevante, preferindo sobremaneira as mensagens e textos constituídos de poucas palavras e conceitos rasos.

1.1 Justificativa

A sala de aula e, por extensão, a própria escola é um ambiente de encontro com o inédito e com a diversidade. É um espaço sem fronteiras para o saber, de quebra de paradigmas e construção da realidade. Desconstrução e reconstrução para os saberes necessários para se viver bem. E viver bem é conviver bem com os outros, viver bem é promover justiça para si e para os outros.

O espaço escolar é também o momento onde deve-se encontrar razões para sentir-se feliz, pois a felicidade está no instante do presente, na caminhada constante, e não estará a felicidade à nossa espera depois que a aula acabar, depois que a semana terminar ou depois que o semestre e o ano letivo terminarem. Caso seja essa espera que nos mantém vinculados ao sentimento da felicidade, como se fosse um pedágio que temos que pagar para a felicidade, então, existe, logicamente, algo errado. A felicidade é o instante da vida que gostaríamos que não terminasse e que voltasse a se repetir.

A leitura é a abertura mágica para o desconhecido, para o novo, explorando fronteiras ainda mais distantes do que apenas o fato de estar na escola já promove. A leitura está em todos os lugares e é capaz de desenvolver habilidades e competências para percorrer o seu próprio caminho e nos mostrar mundos novos nunca antes pensados e percorridos sendo proprietário do seu próprio destino. Na escola é assim, página por página, aula por aula, livro a livro que se constrói saberes, se mobilizam iniciativas. Ao descobrir a magia da leitura, os educandos não se contentarão apenas com um livro e irão sentir satisfação naquilo que estão fazendo.

É uma responsabilidade não apenas dos professores de Língua Portuguesa, Inglesa ou Espanhola, mas de todos os professores das escolas, dos servidores e da

equipe de gestão, além da corresponsabilidade intrínseca da comunidade externa e do entorno do ambiente escolar, familiares, pais e responsáveis.

Essa proposta de pesquisa está inserida na linha de desenvolvimento de pesquisa da educação profissional e tecnológica “Planejamento e comunicação de cursos no ensino híbrido”, destacando modelos de ensino híbrido; metodologias ativas; sistemas de EaD; Planejamento instrucional; estratégias pedagógicas; ferramentas de monitoramento e avaliação; competências de mediação pedagógica, práticas de acompanhamento pedagógico.

É necessário reforçar e motivar para a leitura na área da educação profissional e tecnológica, no ensino técnico especificamente, e finalmente no geral, pois o quadro é ainda mais grave quando se observa um cenário educacional que se desenvolve, decorrente de uma reformulação do próprio setor político. Para Moll (2010), o tempo de maturação da sociedade civil organizada tem produzido importantes resultados no aperfeiçoamento político do país. O cenário político que se configura na arena das discussões e implementações educacionais ainda está em processamento,

“demandando uma permanente vigilância por meio de inúmeros mecanismos de organização da sociedade civil, pois não se altera substancialmente uma “cultura política” de um país com fortes heranças autoritárias, centralizadoras e mantenedoras de privilégios de pequena parte da população brasileira” (MOLL, 2010, p. 16).

No foco do ensino profissional e tecnológico, sinaliza-se um claro encaminhamento para que essa modalidade de ensino se torne uma poderosa ferramenta, na parceria com outras políticas públicas, para a implementação de projetos educativos com forte determinação superadora de desigualdades nos planos social, econômico, cultural e político.

Nesse sentido, compreendemos o enorme desafio epistemológico e de gestão que envolve temas transversais e envolvimento e atuação dos profissionais que sejam oportunidades de romper com descontinuidades e assegurar aos estudantes do país oportunidades educativas sérias que recompusesse trajetórias escolares, interrompidas pelo quadro crônico de fracasso das escola pública e, ao mesmo tempo, elevar as condições para a oferta de uma formação profissional e tecnológica plena na perspectiva de uma inclusão social emancipatória.

As metodologias ativas não são nenhuma novidade na educação, mas é considerada inovadora do ponto de vista das tecnologias, portanto as metodologias ativas de ensino aproximam-se cada vez mais dos espaços formais de ensino, por trazerem contribuições positivas nos processos de ensino e de aprendizagem. Estratégias de ensino norteadas pelo método ativo têm como características principais: o aluno como centro do processo, a promoção da autonomia do aluno, a posição do professor como mediador, ativador e facilitador dos processos de ensino e de aprendizagem e o estímulo à problematização da realidade, à constante reflexão e ao trabalho em equipe (DIESEL; MARCHESAN; MARTINS, 2016).

Metodologia ativa pode ser definida como o conjunto de atividades que ocupa o estudante a fazer algo ao mesmo tempo em que deve pensar sobre o que está fazendo. Na prática, o estudante interage com o assunto em estudo ao invés de somente recebê-lo de forma passiva do professor. O professor, por sua vez, assume o papel de orientador, supervisor, facilitador da aprendizagem, mas não é a única fonte de informação do estudante. Desta forma, o aluno torna-se protagonista no processo de construção de seu conhecimento, sendo responsável pela sua trajetória e pelo alcance de seus objetivos, no qual deve ser capaz de auto gerenciar e autogovernar seu processo de formação. As estratégias para conseguir a aprendizagem ativa são várias. Todas, porém, provocam as funções mentais de pensar, raciocinar, observar, refletir, entender e combinar. Neste ambiente, o professor também tem que se manter em posição ativa, recorrendo a estudos, selecionando informações, explicando de formas diferenciadas, fazendo analogias e escolhendo terminologias adequadas.

O Ensino Híbrido ou *Blended Learning* (termo em inglês) de acordo com Schneider (2014), conceitua o ensino híbrido como sendo a associação da aprendizagem a distância com a presencial integrando tecnologias digitais ao ensino.

Deste modo, a partir das exposições e pressupostos que nos inquietam, apresentamos a pergunta de pesquisa que nos direciona na busca e investigação do tema que se propõe.

1.2 Pergunta de pesquisa

Quais as tecnologias e estratégias que os docentes utilizam para incentivar a prática da leitura nas escolas?

1.3 Hipótese

Para tal pergunta de pesquisa, sugere-se a hipótese de resposta vinculado ao próprio papel do professor, não como agente principal ou ator protagonista, mas como “mediador” do processo de ensino-aprendizagem. A partir de posturas que servem de exemplo para muitos estudantes que se espelham nas atitudes do profissional à frente da turma. O ato de ler deveria iniciar com o docente e o contexto mostra exatamente essa incapacidade na própria formação dos professores.

1.4 Objetivo geral

Identificar e analisar as tecnologias e estratégias utilizadas pelos docentes da educação básica de nível fundamental de Navegantes/SC e médio técnico do IFC Camboriú (SC) para estimular práticas pedagógicas para a leitura.

1.5 Objetivos específicos

- Verificar as propostas de metodologias ativas que envolvam as novas tecnologias dos professores e atividades diferenciadas que estimulem a leitura;
- Consultar índices de rendimento das gestões escolares de acompanhamento pedagógico;
- Comparar os índices da educação com as metodologias propostas nas escolas;
- Reconhecer o panorama geral da leitura nos universos educacionais selecionados do IFC Camboriú (SC) e do Município de Navegantes/SC;
- Apontar as tendências pedagógicas dos professores por meio de questionários;
- Comparar as utilizações e apropriações tecnológicas nos dois contextos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As metodologias ativas não são nenhuma novidade no contexto escolar, pois tratam-se das conhecidas aulas com métodos experimentais e aulas diferenciadas que visam trabalhar com descoberta e posicionar o estudante em um papel protagonista de aprendizagem, fazendo descobertas pelo conteúdo.

Segundo Bastos (2006), Metodologias Ativas são conceituadas como “processos interativos de conhecimentos, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais e ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”. Nesse sentido, o professor “docente” atua como mediador e facilitador do processo de ensino-aprendizado para que os alunos “discentes” desenvolvam a autoaprendizagem, a curiosidade para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para auxiliar na tomada de decisão (BASTOS, 2006, apud BERBEL, 2011).

As Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos (BERBEL, 2011).

A prática pedagógica a partir de metodologias ativas estimula, portanto, a busca pelo saber e oferece uma autonomia ao estudante e torna-os capazes de levantar as próprias dúvidas, constituir perguntas e elaborar formas de encontrar informações que solucionem propostas de aula. Para isso, a leitura é via de acesso para interagir em um mundo de possibilidades, haja vista os materiais informativos, literários virtuais ou físicos à disposição em laboratórios, bibliotecas, acervos pessoais.

De acordo Howard Gardner (1995) apud Quintino et al (2016), o uso dos recursos tecnológicos na educação é apenas uma alternativa para aprimorar a memorização, a reprodução de conteúdo e, principalmente, o desenvolvimento individual de cada aluno, desenvolvendo assim suas múltiplas inteligências. Com isso cada vez mais se dá a importância da utilização de recursos diversificados pedagógicos, entre eles teatro, dança, músicas, poesias e jogos, entre outros recursos como peça fundamental para serem trabalhados com os alunos e sendo essencial para o crescimento educacional.

Ao concordar com as afirmações, ampliamos também a possibilidade de imersão da leitura, uma vez que para executar trabalhos que envolvam cultura e arte, a leitura estará presente nos ensaios, na criação e no desenvolvimento dos trabalhos.

Caminha-se rumo a um ambiente sem volta no qual o pensamento complexo já postulado por Edgar Morin (2015) direciona à complementaridade e à indissociabilidade das áreas do conhecimento, tornando-se cada vez mais dependentes da multidisciplinaridade e da transversalidade dos temas.

No entanto, para ampliar as considerações a respeito da inclusão das tecnologias como ferramentas e suporte à aprendizagem e estímulo à leitura, propomos a integração em nossa base de fundamentação com a perspectiva da teoria do psiquiatra americano para explicar como as pessoas geralmente aprendem e qual a eficiência dos métodos nesse processo. De acordo com Glasser (1986), o professor é um guia para o aluno e não um chefe, e orienta que, no processo de ensino e aprendizagem, não se deve trabalhar apenas com memorização, porque a maioria dos alunos simplesmente esquecem os conceitos após a aula. Em vez disso, o psiquiatra sugere que os alunos aprendem efetivamente com o docente, enquanto estão fazendo. A metodologia da sala de aula invertida que explora os materiais, apostilas, tutoriais, jogos, e pesquisas prévias para garantir o aproveitamento em sala de aula desses materiais é um processo que, mesmo difícil, combinaria mais recursos e bagagens para uma aula produtiva. A grande charada é convencer tanto professores como alunos de que os estudos não começam e terminam ao soar do sino.

Demonstra-se a seguir a infografia conhecida como “A pirâmide de Glasser” que demonstra uma escala de absorção das aprendizagens por meio da plataforma utilizada. É possível observar na Figura 1.

Figura 1 - Pirâmide de Glessler



Fonte: Explorador, 2017.

Ao analisar o gráfico, prova-se também que a subdivisão não necessariamente classifica a leitura como um dos estímulos de menor importância ou aproveitamento. Ao contrário, destaca-se dois pontos: primeiro, a leitura está no topo da pirâmide e sabe-se que o manuseio de materiais impressos sempre foi inacessível ao grande público, restrito àqueles com capital simbólico elevado, visto que o meio audiovisual, inevitavelmente as redes de radiodifusão aberta, principalmente ao se tratar de educação a distância⁴, foram as pioneiras e mais acessíveis plataformas de contato com o saber (BOURDIEU, 1997; VARELA, 2018); segundo, aparentemente, ao visualizar a pirâmide, as plataformas com melhores rendimentos para a aprendizagem também parecem somativas ao processo de quem ao atingir o nível de “ensinar, resumir, explicar” passou também, de alguma maneira, pelos outros dispositivos que integraram a formação daquela aprendizagem.

⁴ A origem da EAD está relacionada às necessidades de preparo profissional e cultural, configura-se como uma nova possibilidade àqueles que, por vários motivos, não podem frequentar um estabelecimento de ensino presencial. Conforme RASLAN (2009): (...) a EAD, ao longo do tempo, vem sendo ofertada através de vários meios: correspondência, rádio, televisão e internet; para atender aos mais diversos objetivos: ampliar o acesso à educação em todos os níveis do ensino, formação técnico-profissionalizante, alfabetizar e treinar trabalhadores, promover atividades culturais, capacitar em massa os professores, apoiar as aulas ministradas nos ensinos, fundamental e, médio, expandir e interiorizar a oferta de cursos superiores. (RASLAN, 2009, p.24 e 25).

E avançamos no sentido de a leitura não é mero instrumento útil do aprendizado conforme Caldin (2005). A autora afirma que a leitura é uma questão pedagógica e sua função lúdica não deve ser desprezada.

Ao propor uma forma de leitura homogênea, privilegia a classe média em detrimento dos alunos de baixa renda. Acrescenta que a ideologia escolar enfatiza a leitura parafrástica e ignora a leitura polissêmica, recusando ao leitor a participação no texto. Também, ao ignorar o fato de que o aluno convive com outras formas de linguagem que não a verbal, a escola legitima leituras – sendo a ideal a que o professor assim acredita – privando o aluno de manifestar suas outras leituras – as vivências com as outras formas de linguagem (CALDIN, 2005, p. 12).

Nesse sentido, as metodologias ativas "têm um ideário favorável às necessidades da Educação Profissional e podem gerar práticas docentes inovadoras no contexto da formação profissional, superando limitações dos modelos tradicionais de ensino" (BARBOSA; MOURA, 2013), apresentando diferentes benefícios.

Dentre as principais vantagens que as metodologias ativas podem proporcionar, a principal delas contempla "a transformação na forma de conceber o aprendizado, ao proporcionar que o aluno pense de maneira diferente (já ouviu falar em fora da caixa?) e resolver problemas conectando ideias que, em princípio, parecem desconectadas" (GAROFALO, 2018). Para os cenários da EPT pode possibilitar mais autonomia, confiança, senso crítico, empatia além de maior sentimento de responsabilidade e necessidade de participação e colaboração - características essenciais para qualquer profissional dos de hoje.

De acordo com Machado (2010), uma das propostas de ação didática no ensino médio técnico com currículos integrados recorre à contextualização sociocultural do processo de ensino-aprendizagem a partir da perspectiva de Paulo Freire que definiu como alfabetização o processo de ensinar ou propiciar as condições para que as pessoas leiam não só as palavras, mas também o mundo. E ao fazer essa ponderação, articulamos a preocupação de um cenário que envolve a situação da desinformação (conhecida pelo termo *fakenews* ou notícias falsas) em um contexto da pós-verdade (SILVA; ZONTA, 2018; ALVES, 2017) que exige ainda mais uma formação sólida capaz de formar profissionais capazes de gerenciar as cada vez mais acentuadas

problematizações que passam por processos que envolvam leitura no seu modo amplo de atuação.

Para tanto, é preciso sistematizar uma base de orientações dirigida para o desenvolvimento de habilidades mais complexas: o saber ler a palavra construindo significados, o saber ligar o texto ou a fala à experiência prévia, o compreender como a palavra é influenciada pelas situações políticas e econômicas que circundam o texto, etc. Na prática pedagógica contextualizada, busca-se considerar as diversas dimensões da vida dos alunos e das práticas sociais em que estão inseridos; entendê-los como sujeitos do seu próprio processo de formação; contribuir para sua libertação, para sua transformação em sujeito crítico (MACHADO, 2010, p. 87).

Desta forma, compreende-se a leitura como um processo muito mais amplo do que simplesmente parte do processo de escolarização e no cenário da educação técnica, profissional e tecnológica a leitura é fundamentalmente mais requisitada do ponto de vista em que a capacidade de contextualizar requer um processo de construção de conhecimentos, situado histórica e socialmente, que provém e se desenvolve, conforme Machado (2010) em íntima relação com a prática social.

Para Royce (2004) apud Furtado e Oliveira (2011), a leitura deve ser vista como um ato social de “interação entre sujeitos, o autor e o leitor, porém essa interação não é um processo unidirecional, do escritor para o leitor. A leitura envolve mais do que a mera decodificação de símbolos. A leitura envolve significação, que envolve a compreensão” (p. 69).

É possível citar os recentes dados do “Programme for International Student Assessment” (PISA), publicados em 2010, que apontam o envolvimento da leitura em uma multiplicidade de signos, de documentos e que a prática está desvinculada de uma instituição ou disciplina específica. Em época não muito remota ao falar-se em leitura vinha em mente os signos alfabéticos, livros e instituições como escola e biblioteca. Hoje, leem-se: vídeos, sites, textos, imagens, chat... (FURTADO; OLIVEIRA, 2011).

De acordo com Furtado e Oliveira (2011), a professora universitária brasileira Rosa Farah, citada por Mandelli (2010) explica o atual hábito de leitura dos jovens; “o adolescente lê e escreve muito, comunica-se muito mais por escrito. As gerações anteriores liam só os livros da escola. Os jovens de hoje não: estão sempre se informando dentro dessa vida social digitalizada”.

E a leitura é tão ampla que pode alcançar e cativar corações tanto no meio físico como no virtual. Mario Prata (2000) em sua crônica “Amor, só de letras” publicada no Jornal O Estado de São Paulo, admite que “jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto. E amou tanto”. Essas perspectivas lançam olhares otimistas com relação ao desenvolvimento e aprimoramento da leitura no Brasil, combinado aos cuidados que se deve ter ao abordar o tema como é o caso da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escolha dos professores participantes da pesquisa se fará de forma aleatória contemplou docentes de diferentes disciplinas básicas de nível fundamental do Município de Navegantes e do nível médio técnico do IFC Camboriú. As identidades dos profissionais serão mantidas no anonimato. A coleta de dados será feita por meio de:

- Aplicação de questionário na rede do Município de Navegantes;
- Aplicação de questionário no ensino técnico do IFC Camboriú;
- Aplicação com o formulário Google Forms (questionário);
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)\Comitê de Ética da Pesquisa do Campus IFC-Camboriú.

Entrevistas organizadas com o intuito de obter informações referentes ao uso ou não das tecnologias que os docentes utilizam para instigar e estimular a prática da leitura nas escolas de Navegantes/SC e em caso afirmativo, o detalhamento de como as ferramentas integram suas práticas pedagógicas, bem como a percepção que têm da implicação destas na qualificação das aprendizagens desenvolvidas.

O desenvolvimento da proposta e análise dos dados atende os pressupostos da pesquisa quantitativa sobre quais as tecnologias são utilizadas nas práticas de acompanhamento pedagógico, com caráter exploratório, uma vez que estimulará o entrevistado a pensar sobre a sua prática.

O cálculo da margem de erro da pesquisa foi elaborado considerando um universo de 522 professores, somando-se as duas instituições. A amostra alcançada foi de 49 respondentes, gerando uma margem de erro de 13% ao nível de confiança de 95%.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Levantamento de dados e histórico de Navegantes/SC

O município de Navegantes está localizado no Litoral Norte do estado de Santa Catarina, a 90 quilômetros da capital Florianópolis, possui uma população aproximada de 80 mil habitantes.⁵ O panorama educacional de Navegantes apresenta 375 profissionais da educação que atuam como professor entre o Ensino Fundamental I e II. Esse número é importante para a pesquisa que define como um dos universos da pesquisa os professores da rede municipal de educação para identificar o uso de tecnologias e metodologias ativas como princípios para a formação de leitores e incentivo à leitura nas escolas, principalmente aqueles profissionais vinculados ao nível das séries finais do ensino fundamental, além do público de professores do médio técnico do IFC Camboriú.

No entanto, apresenta-se inicialmente o contexto de Navegantes e em seguida o as especificações tecnológicas da rede federal representada pelo IFC Camboriú. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 6.2 no IDEB⁶. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4.9. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 114 de 295. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 127 de 295. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 97,4% em 2010. Isso posicionava o município na posição 223 de 295 dentre as cidades do estado e na posição 3079 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Conforme informações do IBGE, o ano de 2017 encerrou com 10.984 matrículas no ensino fundamental e 2.405 matrículas no ensino médio. O número de docentes no ensino fundamental no ano de 2015 foi de 521, no entanto, difere da informação

5 A estimativa é do IBGE para 2018: 69.285 habitantes. Conforme site oficial, disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/navegantes/panorama>>.

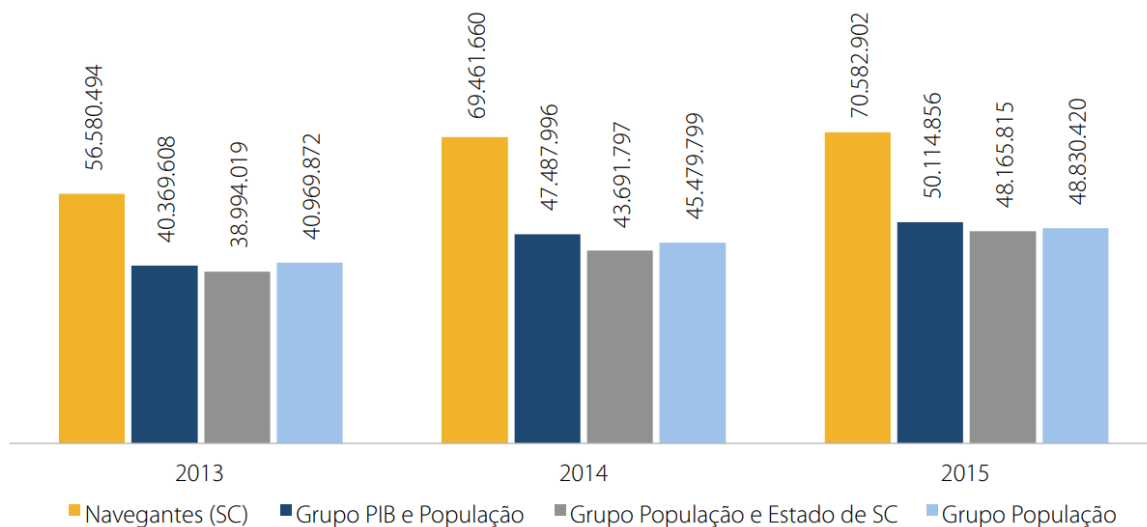
6 O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é um indicador que mede a qualidade da educação no Ensino Fundamental através da análise do aprendizado da criança em conceitos de Matemática e Português, bem como a distorção idade/série destas crianças. Ele é um indicador Fim (desempenho) muito útil por ser claro e objetivo e ter boa aceitação nos meios públicos e acadêmicos.

atualizada, mas é possível que considere também o quadro de profissionais inativos nos quadros (docentes aposentados). Os docentes do ensino médio somaram 155 profissionais em 2017. O número de estabelecimentos de ensino fundamental soma 30 escolas e de ensino médio 8 escolas em 2017.

De acordo com a Análise do Município e Oportunidades de Melhoria do Relatório de Resultados de Navegantes do Centro de Liderança Pública e da Muove em parceria com a Fecam divulgado em 2016, a despesa com Educação de Navegantes (SC) no ano de 2015 foi de R\$ 70.582.902. Quando comparado a grupos similares, o município tem uma despesa muito superior.

Conforme o gráfico 1 é possível identificar a progressão de investimento em educação pelo município de Navegantes para a rede própria de ensino.

Gráfico 1 - Evolução de investimento em Educação



Fonte: Relatório de Resultados - Navegantes, Fecam, 2016.

Conforme o Gráfico 1, é possível observar que entre os anos de 2013 e 2015, o município teve um aumento de 25% deste tipo de despesa, o que é superior aos grupos comparativos, conforme gráfico abaixo.

É preciso considerar, no entanto, que, em relação à arrecadação total, Navegantes/SC é o 14º município com maior arrecadação do estado de Santa Catarina e, se comparado a municípios de tamanho similar, é o 2º município do estado, atrás

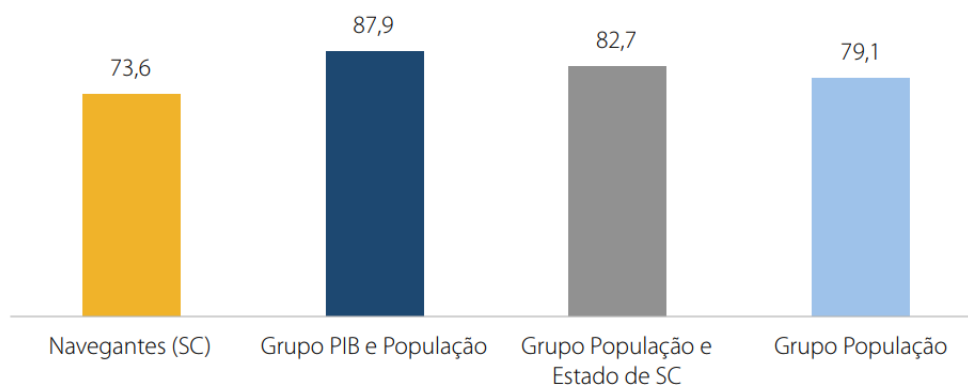
apenas de São Bento do Sul. Com relação ao aumento de arrecadação no período de 2013 a 2015, Navegantes/SC é o 131º município com maior aumento de arrecadação do estado de Santa Catarina. Contudo, no mesmo período, a variação de receitas foi de 20% de aumento real.

Atualmente Navegantes/SC conta com 62 escolas em atividade, das quais 55 são públicas. As escolas públicas se dividem em 6 escolas de responsabilidade estadual/federal e 49 de responsabilidade municipal. Abaixo algumas informações pertinentes às 8 escolas do sistema de ensino municipal:

- 98% das escolas possuem água filtrada para fornecimento aos alunos;
- 69% das escolas possuem esgotamento sanitário conectado com a rede pública;
- 63% das escolas possuem sala do professor;
- 100% das escolas possuem pelo menos um computador para utilização dos alunos;
- 37% das escolas possuem laboratório de informática;
- 94% das escolas possuem refeitório;
- 94% das escolas possuem internet com banda larga.

Sobre a formação superior do quadro de professores que atuam no município, apresenta-se o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Índice de professores com ensino superior completo



Fonte: Relatório de Resultados - Navegantes, Fecam, 2016.

É importante registrar que o rendimento relatado da última década no setor da educação, resultado à Prefeitura de Navegantes o Prêmio Rede Cidade Digital Projeto

Inovador 2018, em virtude da implantação do sistema de Diário Online na rede municipal de ensino.

O Diário Online reúne dados pedagógicos como conteúdo de atividades, registro de presença e avaliações. Essa ferramenta permite que os professores monitorem o desempenho dos alunos, facilitando o desenvolvimento de estratégias para a recuperação de estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem. Trata-se de um banco de dados digital, mais moderno e mais eficaz que o antigo diário impresso, pois permite ao educador a consulta instantânea para qualquer informação referente à vida educacional do aluno. Em Navegantes, foi implantado o projeto piloto no início do ano letivo e agora no segundo semestre efetivou-se a utilização do sistema.

É importante os dispositivos dispostos na Lei Complementar nº 179 de 30 de abril de 2013 que dispõe sobre o sistema municipal de ensino de Navegantes, principalmente no tocante à leitura e à tecnologia. A única menção sobre a leitura na Lei ocorre no inciso I do Art. 56 que determina as normas para o ensino fundamental, com duração mínima de nove anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, na Seção II “Do Ensino Fundamental”: “ I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”;

No entanto, sobre as questões de tecnologia, a Lei prevê em 8 pontos do documento, como é o caso do Art. 63 em que Além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica, o Sistema de Ensino, normatizará a formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, contemplando os seguintes componentes:

I - Estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva no município de Navegantes;

II - Indicadores para as Propostas Pedagógicas das escolas rurais que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico; e, respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a

fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas.

4.2 Levantamento de dados e histórico do IFC Campus Camboriú.

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, foram criados por meio da Lei nº 11.892/2008, de 29 de dezembro de 2008, constituem um novo modelo de instituição de educação profissional e tecnológica que visa responder de forma eficaz, às demandas crescentes por formação profissional, por difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos e de suporte aos arranjos produtivos locais/regionais.

Presente em todos os estados do Brasil e um Distrito Federal, os Institutos Federais contêm a reorganização da rede federal de educação profissional e tecnológica, oferecendo formação inicial e continuada, ensino médio integrado, cursos superiores de tecnologia, bacharelado em engenharias, licenciaturas e pós-graduação *lato e stricto sensu*.

A concepção de educação profissional e tecnológica que subsidia as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão nos Institutos Federais baseia-se na integração entre ciência, tecnologia e cultura como dimensões indissociáveis da vida humana e, ao mesmo tempo, no desenvolvimento da capacidade de investigação científica, essencial à construção da autonomia intelectual e participação cidadã.

O Instituto Federal Catarinense (IFC) resultou da integração das antigas Escolas Agrotécnicas Federais de Concórdia, Rio do Sul e Sombrio juntamente com os Colégios Agrícolas de Camboriú e Araquari, até então vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina. A esse conjunto de instituições somaram-se unidade de Videira e as unidades avançadas de Blumenau, Luzerna, Ibirama e Fraiburgo.

Conforme a Figura 2 o IFC possui atualmente 15 Campi, distribuídos nas cidades de Abelardo Luz, Araquari, Blumenau, Brusque, Concórdia, Fraiburgo, Ibirama, Luzerna, Rio do Sul, Santa Rosa do Sul, São Bento do Sul, São Francisco do Sul, Sombrio e Videira, além de uma Unidade Urbana em Rio do Sul e da Reitoria instalada na cidade de Blumenau. O IFC oferece cursos em sintonia com a consolidação e o fortalecimento

dos arranjos produtivos locais, estimulando a pesquisa e apoiando processos educativos que levem à geração de trabalho e renda, especialmente a partir de processos de autogestão.

Figura 2 - Distribuição dos campi do IFC



Fonte: Divulgação – IFC Camboriú, 2018

O *Campus* Camboriú, até final de 2008, era denominado Colégio Agrícola de Camboriú – CAC. Foi fundado em 08 de abril de 1953, após um acordo firmado entre o Governo Federal e o Estado de Santa Catarina, publicado no Diário Oficial da União em 15 de abril de 1953. Em 1962 iniciaram as atividades pedagógicas, momento em que a Instituição oferecia o Curso Ginásial Agrícola. Em 1965 foi criado o Curso Técnico em Agricultura, que passou a denominar-se Curso Técnico em Agropecuária em 1973.

A escola ficou sob a responsabilidade da Diretoria do Ensino Agrícola do Ministério da Agricultura enquanto a parte didático-pedagógica ficou vinculada à Secretaria de

Ensino de 2º Grau do Ministério da Educação (MEC). O decreto 62.178, de 25 de janeiro de 1968, transferiu a responsabilidade administrativa e financeira do Colégio Agrícola para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ficando diretamente vinculado à Pró-reitora de Ensino e restringindo suas atividades ao ensino médio profissionalizante. Em 1990 passou a oferecer o Curso Técnico em Agropecuária também na modalidade subsequente ao ensino médio.

Apesar de ser uma Instituição nomeada como agrícola, a partir de 2000 passou a oferecer outros cursos nas áreas do conhecimento de Informática e Meio Ambiente. Em 2003, percebendo a necessidade da comunidade local passa a oferecer o Curso Técnico em Transações Imobiliárias e, a partir de 2008, o curso Técnico em Turismo e Hospitalidade.

No ano de 2007 foi implantado o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, ofertando ensino médio e qualificação profissional.

No final de 2008, com o advento da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 o Colégio Agrícola de Camboriú – CAC, transformou-se em um *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, atendendo à chamada pública do Ministério da Educação (SETEC/MEC) para que as escolas agrícolas e agrotécnicas se tornassem institutos federais, possibilitando ofertar também cursos superiores e pós-graduação, além dos cursos em nível médio nas diversas modalidades.

Localizado no município de Camboriú, estado de Santa Catarina, o *Campus* Camboriú possui uma área total de 205,0 hectares, com 9.024 m² de área construída. Desta, 5.840 m² são áreas construídas para atividades agropecuárias e 7.215 m² estão distribuídos em alojamentos, biblioteca informatizada, cozinha, refeitório, lavanderia, almoxarifado, indústrias rurais, abatedouro, oficina mecânica, marcenaria, casa de funcionários, etc., além de possuir ruas, parques e jardins agradáveis para a comunidade interna. O campus se destaca na produção agrícola e na preservação ambiental, atuando como referência local e regional nestas áreas.

De acordo com a Plataforma Nilo Peçanha (PNP) atualmente o campus conta com 26 cursos 3.131 matrículas 960 ingressantes, 630 concluintes 1.050 vagas e 3.830 inscritos. O IFC - Campus Camboriú apresenta 147 profissionais da educação que atuam

como professor do Ensino médio profissional e tecnológico. Destes 3 possuem graduação, 15 especializações, 73 mestrados, 55 doutorados e 1 não informados (PLATAFORMA NILO PEÇANHA, 2018).

4.3 Análise da aplicação de questionários

A pesquisa aplicou um questionário composto de 21 perguntas para todos os docentes. A amostra alcançada foi de 49 respondentes, sendo que destes 18 eram vinculados ao IFC Camboriú e 31 eram vinculados ao Município de Navegantes/SC. O questionário foi realizado por meio da coleta digital do Google Forms. As perguntas foram divididas em grandes grupos de interesse para detectar o perfil dos docentes, o nível de instrução, a área de formação, as estratégias e os recursos utilizados, a fim de verificar como a comunicação e tecnologias digitais atravessam o cotidiano dos professores no sentido de verificar, na ponta, como as metodologias e didáticas incorporam essas ferramentas e estratégias para o incentivo da leitura.⁷

Os dados da pesquisa apresentam uma maioria de professores preocupados com as práticas da sala de aula que estimulem a leitura. E apontamos aqui alguns resultados parciais gerados em gráficos automáticos do sistema de base de dados do Google Formulários.

O cálculo da margem de erro da pesquisa foi elaborado considerando um universo de 522 professores, somando-se as amostras das duas instituições, gerando uma margem de erro de 13% ao nível de confiança de 95%.

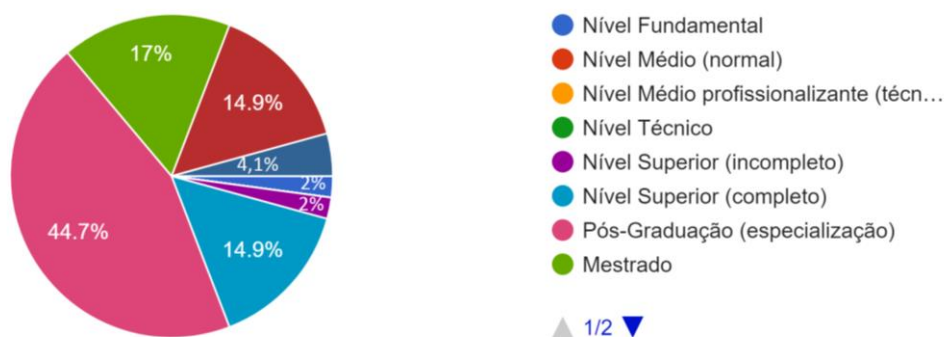
De acordo com estudos do PISA, em 2017 os alunos brasileiros passaram 190 minutos por dia na internet. Diante desse quadro já não há mais motivos para resistir à inovação na escola. A tecnologia faz parte de nossas vidas e de nossos alunos. É preciso discuti-la e observá-la para entendê-la. Os levantamentos da análise de comportamento e uso da tecnologia pelos professores irão permitir sugerir quais seus benefícios, suas potencialidades, os riscos e qual o ponto de equilíbrio principalmente no que se refere ao incentivo da leitura, atividade básica integrante de quaisquer propostas pedagógicas.

⁷ O modelo do questionário encontra-se disponível em https://docs.google.com/forms/d/1t1-7FMB2Aw2f6Ga_ba9sHVsg2sVdKjx-T0eUIJDECB0/edit.

Entender o que ocorre em nosso mundo cada vez mais é entender como a tecnologia o transforma. Ignorar esse processo não irá freá-lo.

Para iniciar as análises, destacou-se um breve perfil que pode ser traçado dos professores entrevistados. O Gráfico 3 classifica o nível de escolaridade dos entrevistados.

Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos professores

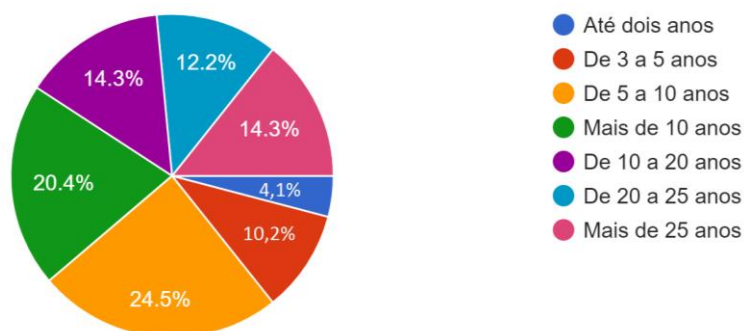


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

A partir do Gráfico 3, gerado pelo formulário de questões digital, é possível notar a regulação profissional na atuação do campo da educação formado por profissionais qualificados com especializações, indicando uma preferência e valorização profissional de carreira por titulação e licenciatura do profissional. Nos dois casos, na esfera municipal de educação básica e na esfera federal, essa situação se manifesta. A diferença está no corpo docente altamente qualificado dos profissionais que atuam no IFC, contando com a maioria de doutores, o que altera essa relação com o trabalho, uma que o campo científico é construído e cultivado pelos professores pesquisadores, ao contrário da fraca interação dos profissionais especializados que cumprem uma jornada superior à frente da sala de aula.

Com relação ao tempo de trabalho na educação, os respondentes demonstram ter experiências consideráveis. Essa disposição é demonstrada no Gráfico 4.

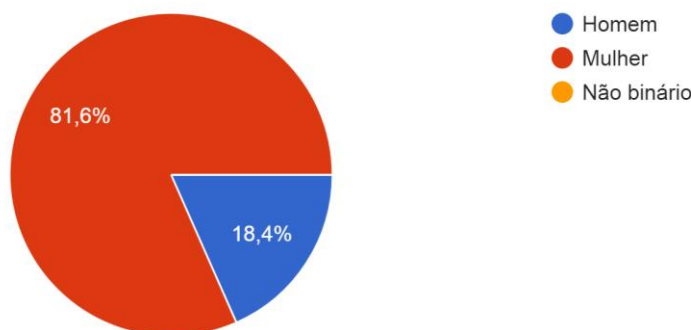
Gráfico 4 - Experiência dos docentes na educação



Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

A partir do Gráfico 4, identifica-se que mais da metade (61,2%) possui mais de dez anos de atuação como docente. No tocante ao gênero, também é interessante notar que os homens são minorias (18,4%) em relação ao campo de atuação quando comparado com as mulheres (81,6%) em consonância com o apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Declaração em relação ao gênero

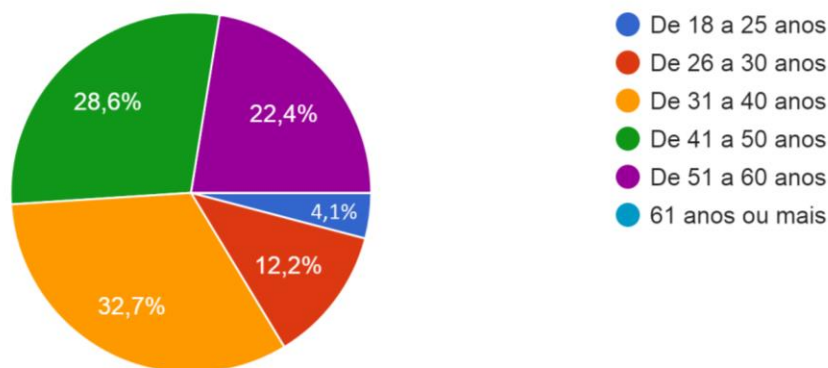


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

A qualificação dos dados em relação à titulação, informada no campo escolaridade, revela que destes professores homens a proporção de pós-graduação *stricto sensu* quando comparado com as professoras mulheres e metade deste possui

doutorado, estabelecendo uma concentração da aceitação em programas de pesquisa que desprestigia a própria professora mulher, mesmo sendo ela maioria nas duas instituições consultadas. A maioria dos profissionais (53,2%) possui entre 41 e 60 anos, conforme ilustra o Gráfico 6. Situação que também justifica o número de especializados, que exigem uma certa experiência e tempo de carreira.

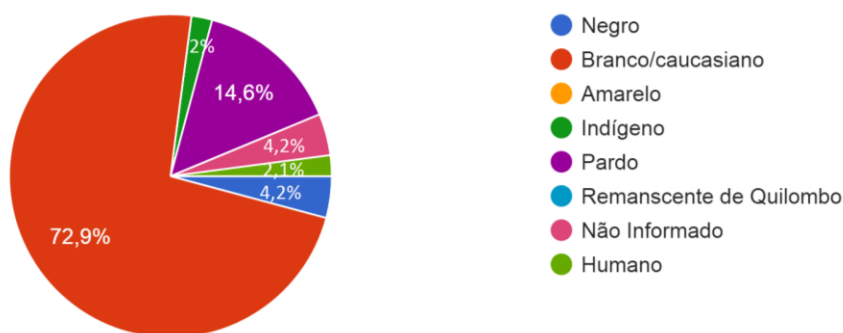
Gráfico 6 - Faixa etária dos profissionais



Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

De acordo com o Gráfico 7, 72,9% afirmam ser da etnia branca e outros 14,6% dos respondentes afirmaram serem pardos. Um acesso à profissão de educador predominantemente ocupado por pessoas da etnia branca, levando em consideração a localização da aplicação da pesquisa onde uma maior parte também possui origem de colonizações europeias, majoritariamente distribuídos no estado de Santa Catarina.

Gráfico 7 - Etnia dos profissionais

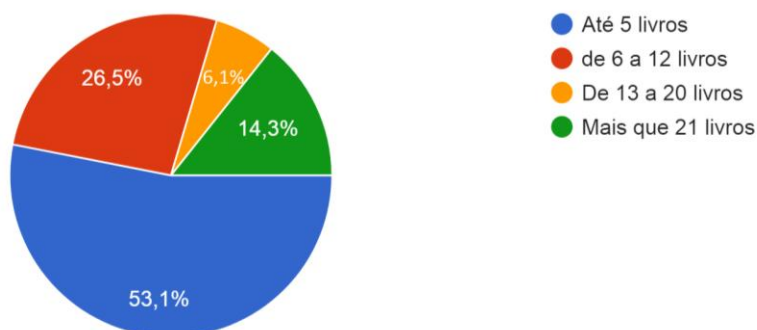


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Após essa contextualização e problematização do perfil básico dos respondentes, identificando suas características, observam-se os dados mais direcionados ao objetivo da pesquisa em mapear as tecnologias usadas para incentivar a leitura dos estudantes, imersos no mundo digital.

De saída, a maioria dos respondentes (53,7%) declara ler apenas cinco livros por ano e 25,2% declara ter lido de 6 a 12 livros. Uma média de 1 livro por mês para mais de 75% do público que, na teoria, não encerra o processo de aprender, estando sempre em busca de conhecimento para aprimorar as práticas pedagógicas. A problematização deste índice aponta que se torna inviável a cobrança da leitura por parte do professor para com o alunato. Afinal, nas fases da aprendizagem a postura do professor acaba servindo de exemplo e referência para muitos alunos. Pouco mais de 20% afirma ler de 13 a 20 títulos e mais do que 21 conforme demonstra o Gráfico 8.

Gráfico 8 - Quantidade de livros técnicos ou literários que os respondentes costumam ler por ano



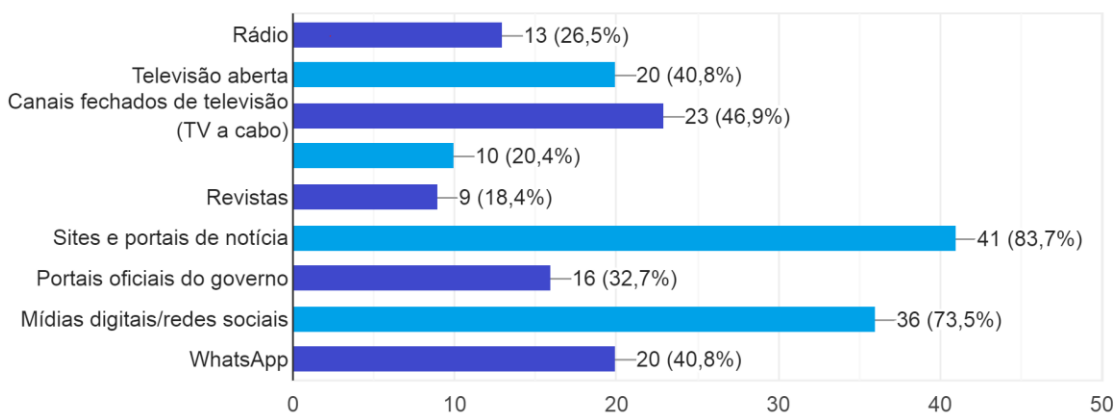
Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Na prática, a quantidade pode não surtir tanto efeito, visto a espessura de cada livro e também seu conteúdo. Mas é um sinal de que a leitura deixa de ocorrer não só entre os alunos, preocupação apontada e registrada pelos professores no questionário, mas também entre os próprios docentes.

O Gráfico 5 aponta que 25,5% avaliam o rendimento de leitura dos alunos como “Leem e escrevem menos que outras gerações”. Outros 27,7% avaliam que os estudantes “apresentam graves dificuldades de ler e escrever”. Essas dificuldades, no entanto, são consideradas como normais da fase escolar por 31,9% dos respondentes. Essas impressões trazidas pelos próprios professores sugerem que a expectativa de avanço dos índices de leitura estão abaixo do desejável pelos mesmos, ao passo que os próprios professores confirmam uma proximidade questionável com a leitura acerca de uma quantidade insignificante quando sugerido leituras técnicas e não apenas literárias. Essa informação aliada à maneira como os professores se informam confirma um afastamento da interação e acesso à informação pelo papel, já que a menor parte dos respondentes se informa por jornais diários ou semanários impressos e revistas. Plataforma essa que também populariza a literatura de crônicas, contos e outros textos como colunas sociais, artigos de opinião exclusivos que ficam, desta forma, inutilizados até como materiais didáticos.

Em primeiro lugar aparecem os sites e portais de notícia atingindo 83,7% dos professores; as mídias digitais/redes sociais vêm logo atrás com 73,5% do público de profissionais de educação se informando sejam em dispositivos móveis ou computadores de mesa. Os canais fechados de televisão atingem 43,9% dos professores. Em seguida aparecem os canais de televisão aberta com 40,8%, índice que impressionantemente se iguala ao acesso de informações pelo WhatsApp, que se apresenta também com 40,8%. É importante ressaltar que os índices das mídias utilizadas inferem mais de uma opção por respondente, ou seja, cada professor pode ter selecionado se informar por mais de uma mídia. Justifica-se, porém, que a inclusão do WhatsApp em um grupo específico da resposta como aplicativo de mensagens independente do grupo de “Mídias sociais/redes sociais” se deve ao fato de medir exatamente a força e adesão, tendo em vista a expansão do uso deste mensageiro digital, por sua facilidade, baixo custo e preferência. Com menor preferência, aparecem a maneira de se informar no dia a dia pelos portais oficiais do governo (em todas esferas) com 32,7%, rádio com 26,5%, jornais diários e semanários impressos com 20,4% e revistas com 18,4%, conforme demonstra o Gráfico 9.

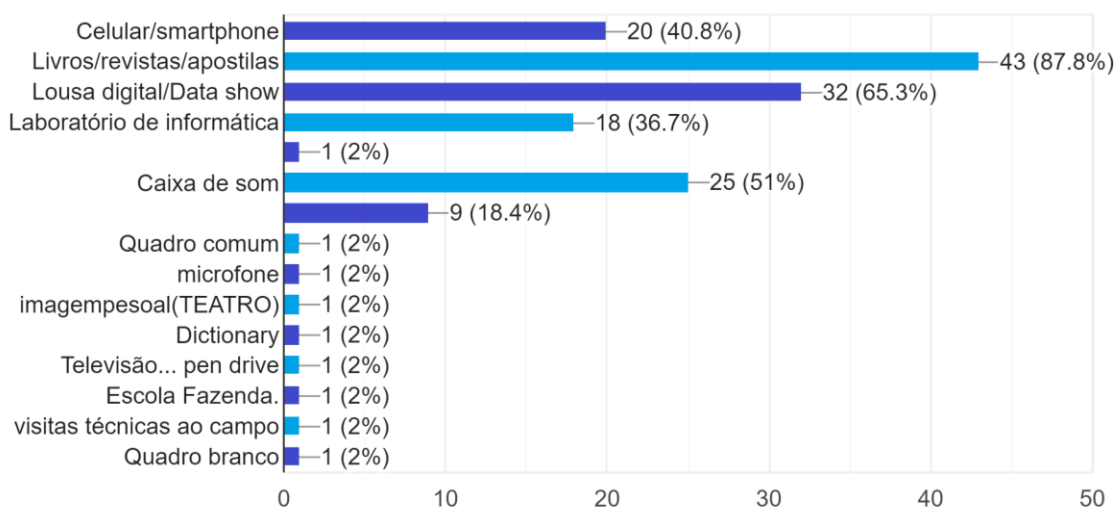
Gráfico 9 - Como você costuma se informar no dia a dia



Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

A inclusão da pergunta a respeito da forma com que os professores se informam, embora margeneie o objeto de estudo, é crucial para dimensionar as plataformas e dispositivos mais usados, já que essa interação com os fatos se dará, invariavelmente, por meio de leituras. No entanto, essa prática de se informar tem menor adesão quando se aplicam às ações pedagógicas, conforme mostra o Gráfico 10.

Gráfico 10 - Recursos utilizados em salas de aula

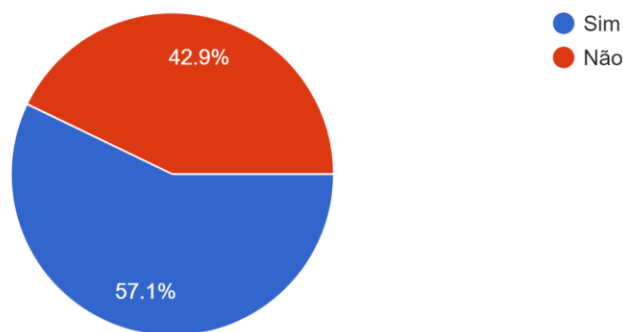


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

A partir do Gráfico 10, nota-se que a situação sobre a utilização de serviços digitais de informação se inverte com as aplicações em sala de aula. Lista-se a seguir as cinco ferramentas mais usuais definidas pelos entrevistados em suas práticas pedagógicas. Neste ambiente, a maioria dos professores (87,8%) afirma utilizar ferramentas como livros, apostilas e revistas. A lousa digital e/ou *data show* aparecem como segundo recurso mais utilizado por 65,3% dos entrevistados, seguido da caixa de som com 51%. As tecnologias digitais como celulares smartphones aparecem como estratégias listadas por 40,8% dos professores. O laboratório de informática é utilizado por 36,7% dos entrevistados, seguido pelo uso de câmeras, filmadoras e gravadores de som em 18,4% das respostas.

A problematização que se faz a respeito dos recursos usados em sala de aula é conferida pela pergunta de número 10, a qual questiona aos entrevistados sobre a realização de leituras dinâmicas na sala de aula, alcançando uma divergência nesse respeito, ilustrada no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Leituras dinâmicas realizadas pelos professores em sala de aula

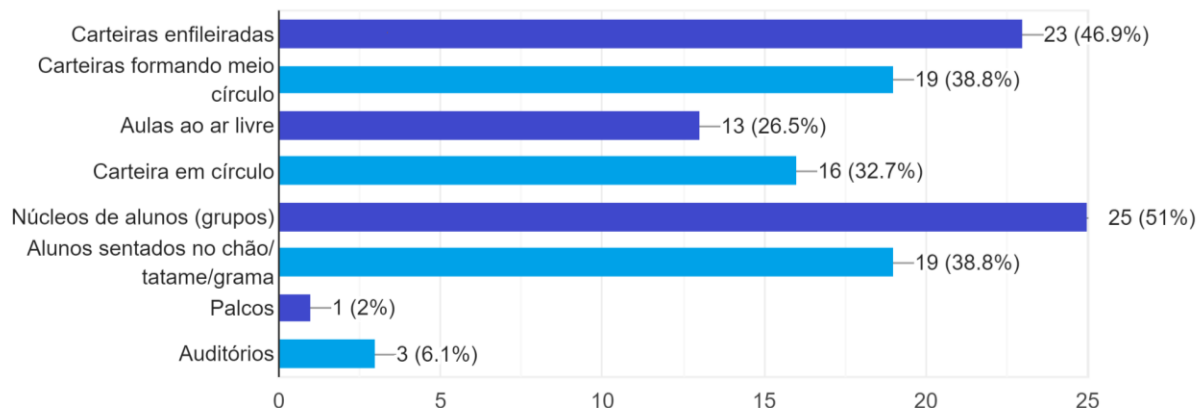


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Pouco mais da metade dos respondentes (57,1%) confirma que faz uso da prática de leituras na sala de aula dividindo um texto em trechos para prática da leitura oral. Uma estratégia que direciona os alunos para o conteúdo, promove a concentração e a prática da oralidade, em qualquer literatura, técnica ou literária. Outra representativa parte dos entrevistados (42,9%) admite não utilizar dessa estratégia de leitura dinâmica em sala de aula, o que pode comprometer significativamente o único momento que talvez os alunos tenham para praticar essa modalidade.

Diante desse baixo índice de aproveitamento da leitura na sala de aula por parte dos professores, outra questão leva a visualizar a organização e distribuição dos alunos no ambiente escolar, conforme ilustra o Gráfico 12, a seguir.

Gráfico 12 - Como os alunos se acomodam em sala de aula

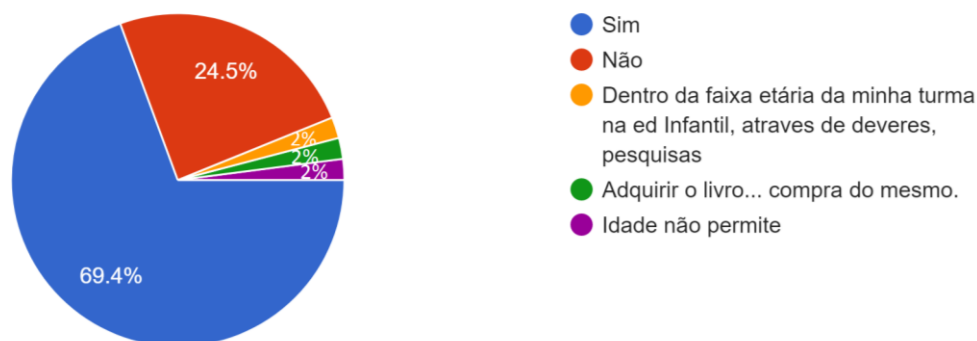


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

De acordo com o Gráfico 12, mais da metade dos professores (51%) dispõem os alunos em núcleos ou grupos de trabalho, outra metade (46,9%) ainda utiliza a disposição em carteira enfileiradas. Alunos formando meio círculo na sala e alunos sentados no chão, tatami ou grama correspondem a 38,8% dos casos, índice para ambas situações. As carteiras em círculos são usadas por 32,7% dos professores. Em último caso aparecem as aulas ao ar livre com um aproveitamento de 26,5% dos professores.

Neste sentido, outra forma de incentivar a leitura como a sugestão de títulos para os estudantes estão as alternativas dos professores como sugere a representação do Gráfico 13.

Gráfico 13 - Indicação de livros por parte dos professores aos alunos

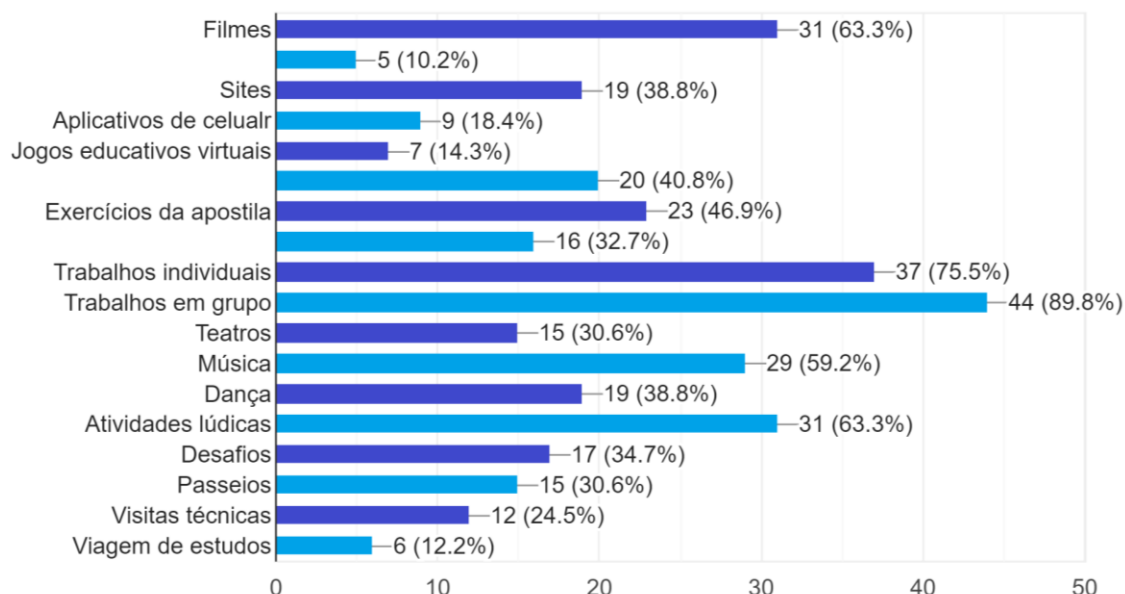


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Conforme o Gráfico 13, os professores em grande maioria (69,4%) costumam indicar sugestão de leituras para que os alunos possam explorar materiais extraclasse como letras de música, livros, peças teatrais, sites e filmes. Outros 24,5% dos respondentes admitem que não fazem esse tipo de sugestão, muitos dos casos devido ao fator da idade de professores respondentes atuarem na educação infantil do município de Navegantes e em outros por conta da área de desenvolvimento técnica que possui menos ocorrências dessas aberturas para indicações.

Essas implicações para levar o estudante a pensar também fora da escola e se interessar pelos mais diversos assuntos levou a pesquisa a questionar quais são as estratégias usadas na escola para a execução das aulas. O Gráfico 14 aponta detalhadamente essa distribuição que novamente conta com mais de uma estratégia apontada por cada respondente.

Gráfico 14 - Estratégias usadas em sala de aula



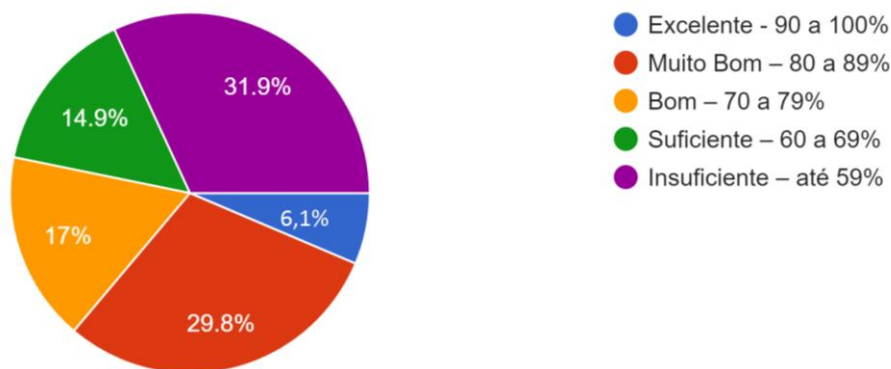
Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

É interessante perceber no Gráfico 14 que as duas estratégias mais utilizadas são trabalhos em grupo (89,8%) e trabalhos individuais (75,5%), respectivamente. Os filmes e as atividades lúdicas aparecem em seguida, ambos com 63,3% de índice de utilização pelos professores. A música aparece em 59,2% dos casos, os exercícios da apostila em 46,9% e os jogos educativos em 40,8%, correspondendo às estratégias incorporadas com uma frequência média entre os professores. O uso de site e de dança empata em 38,8%. Desafios chegam a 34,7%, os trabalhos sugeridos pela apostila chegam a 32,7%, os teatros a 30,6 %, os passeios a 30,6% e as visitas técnicas a 24,5%. Estas percentagens fecham a lista de estratégias utilizadas acima de 20% dos respondentes. É possível observar nas estratégias com índices inferiores a 20% que aplicativos de celular, programas regravados de TV ou seriados, jogos educativos virtuais e viagens de estudos apresentam baixa adesão como estratégias didáticas, levando em consideração os altos custos, o acesso e a viabilidade de execução.

A partir do Gráfico 15, foi possível verificar as condições atuais da estrutura das instituições segundo as respostas obtidas, onde mais que 31,9 % declararam que a infraestrutura é insuficiente, contudo, 29,8% acham que é muito bom, enquanto 17%

acham as condições boas e 14,9% acham suficiente para desenvolver as aplicações necessárias ao aprendizado dos estudantes.

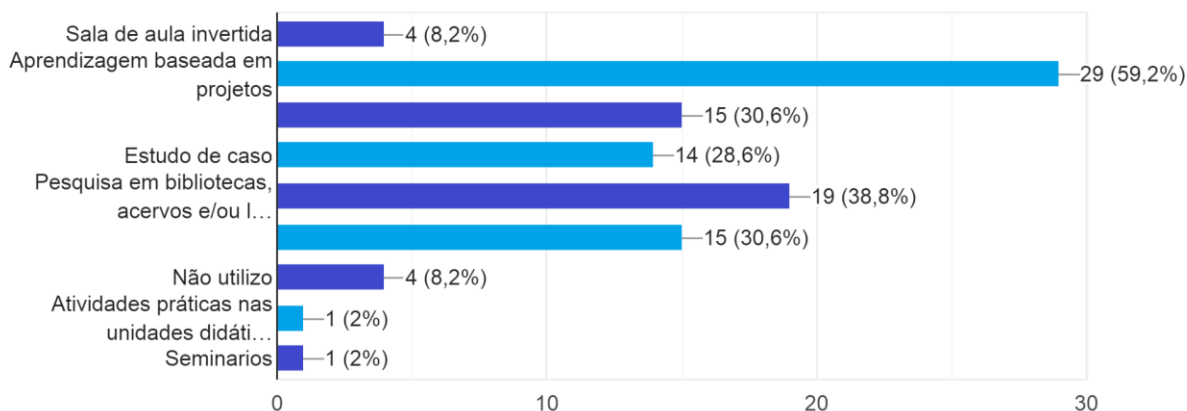
Gráfico 15 - Estruturas institucionais de ensino necessárias ao aprendizado dos estudantes



Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

O Gráfico 16, demonstra as didáticas utilizadas pelos professores para promover aulas diferenciadas. Lista-se a seguir as didáticas utilizadas, a maioria dos professores (59,2%) utilizam didáticas de aprendizagem baseada em projetos. A aprendizagem baseada em projetos e ou aprendizagem por projeto é uma metodologia pedagógica com caráter ativo onde instigam os alunos se envolvem com tarefas e atividades para desenvolver um projeto e ou um produto com foco no desenvolvimento de habilidades e competências.

Gráfico 16 - Didáticas adotadas pelos professores para promover aulas diferenciadas

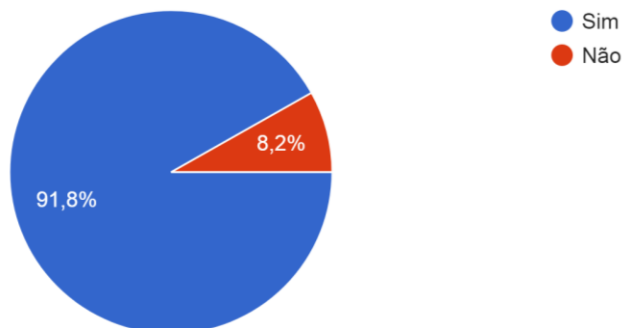


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Pesquisas em bibliotecas, acervos e/ou laboratórios aparecem como segunda didática mais utilizada por 38,8% dos entrevistados, seguido da aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem por pares/times em sala de aula com 30,6%. Estudo de caso aparece com 28,6%, já a didática da sala de aula invertida é utilizada por 8,2% dos entrevistados, enquanto que outros 8,2% responderam que não utilizam as didáticas listadas para promover aulas diferenciadas. Não obstante, 2% dos entrevistados utilizam seminários e as unidades didáticas tendo como perspectiva a unidade entre atividade teórica e atividade prática, ou seja, a práxis educativa conforme demonstra-se Gráfico 16, abaixo.

Já no Gráfico 17, pode-se observar que 91,8% dos professores já promoveram projetos ou atividades interdisciplinares ou multidisciplinares. Em princípio, a interdisciplinaridade é entendida como a necessidade de integrar, articular, trabalhar e interagir em conjunto sendo que os professores são os protagonistas da implantação das práticas interdisciplinares no meio escolar articulando saberes das áreas de atuação dos docentes em questão.

Gráfico 17 - Propostas interdisciplinares ou multidisciplinares



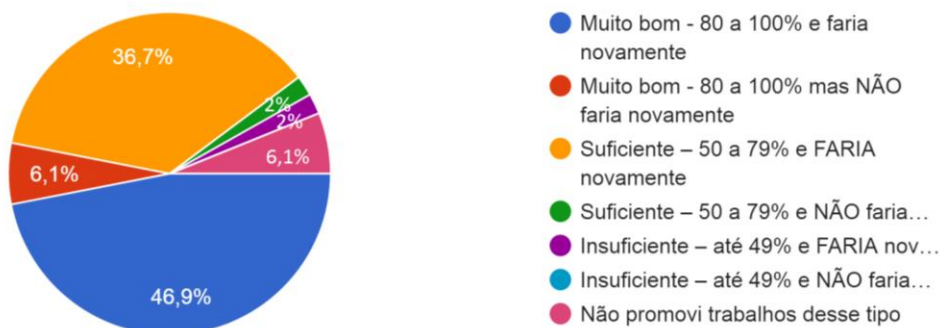
Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

São imensas as experiências que oportunizam a interdisciplinaridade, tais como: fóruns de discussão para problematizar um conhecimento empregando várias disciplinas, a utilização de experiências curriculares por problema, o envolvimento de várias disciplinas em discussões mobilizadas pela mídia com a mobilização de várias disciplinas em eventos científicos e socioculturais, demandando a construção de relações.

Entretanto, a resistência a interdisciplinaridade ainda persiste no panorama escola. Na pesquisa em questão a prática parece não fugir à regra observa-se ainda que 8,2% dos professores nunca promoveram atividades interdisciplinares ou multidisciplinares. A crescente especialização e aprofundamento, cada vez maior em uma área específica do campo do saber leva à uma perda da visão do todo.

A leitura nas relações ensino aprendido contribui, de forma significativa, à formação do indivíduo através da formatação dos nossos conceitos influenciando-o a analisar e refletir sobre a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões, conceitos e interpretações sobre o mundo, conforme ilustra o Gráfico 18.

Gráfico 18 - Avaliação pessoal sobre as propostas interdisciplinares



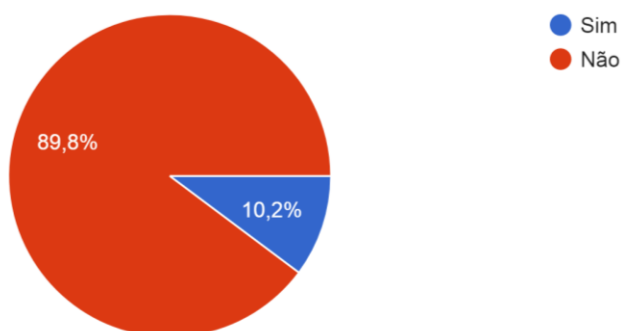
Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Todas as experiências integradas podem e devem potencializar a interdisciplinaridade. Com isso, a partir do Gráfico 18 visualiza-se a avaliação pessoal em relação às propostas interdisciplinares e os resultados encontrados. Com relação aos trabalhos multidisciplinares, grande parte dos professores (46,9%) afirmam que a experiência é “muito bom e fariam novamente”.

Por outro lado, pode-se notar que 36,7% afirmam que a experiência foi suficiente e faria novamente, seguido de 6,1% que afirmam que a experiência foi muito boa, mas não fariam novamente. Entretanto, 6,1% afirmam que não promoveram trabalhos desse tipo, índice que sugere uma despreocupação com o letramento da comunidade e ao mesmo cobrança por habilidades e competências. Enquanto que 2% acharam suficiente e não fariam novamente e outros 2% acharam insuficiente mas fariam novamente.

Para tanto, uma das ferramentas insubstituíveis, que condicionam esse aprender, é o domínio da linguagem, adquirido a partir da leitura e da escrita que, por sua vez, repercutirão em todas as áreas do conhecimento, ou seja, vai ao encontro com o resultado do Gráfico 19.

Gráfico 19 - Você relaciona o incentivo à leitura à disciplina de Língua Portuguesa?

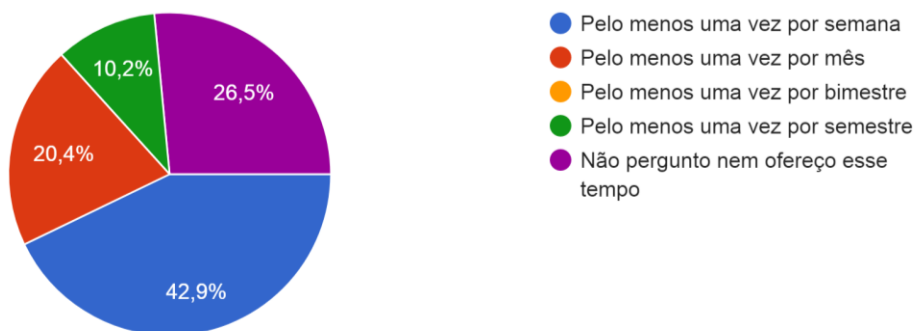


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

A proposição desse questionamento surge de um certo consenso acadêmico e escolar do qual os professores de área imaginam ou, pelo menos, sugerem a necessidade da responsabilidade do professor da área de linguagens trabalhar a temática da leitura. A partir desse quadro, obteve-se o oposto do imaginado, no qual 89,8% dos professores apontam que a responsabilidade não é exclusiva da área de linguagens e língua portuguesa, mas sim de todas as áreas do conhecimento, enquanto 10,2% apontam que seja exclusiva da área de linguagens e língua portuguesa.

Conforme ilustra o Gráfico 20, menos metade dos respondentes (42,9%) confirmam que perguntam pelo menos uma vez por semana sobre o que seus alunos estão lendo e oferece tempo para que os estudantes façam leituras livres em sala.

Gráfico 20 - Frequência de leitura dos alunos e oferta de tempo para leituras livres

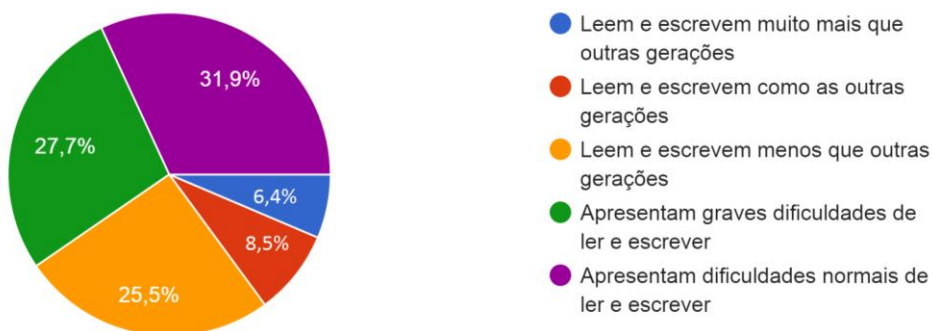


Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Outra parte dos entrevistados (26,5%) não perguntam e nem oferecem esse tempo. O que se apresenta como uma maneira no mínimo questionável de se avaliar o cenário e as condições educacionais, partindo do princípio que todas as áreas seriam responsáveis pela prática da leitura, sendo esta, portanto, um eixo transversal de aprendizagem. Impressiona também que 20,4% perguntam pelo menos uma vez por mês e 10,2% perguntam pelo menos uma vez por semestre. Essa situação se configura como uma nova forma de encarar a importância da leitura, inicialmente, pelos professores que subtraem um peso dessa relação de aproveitamento do aluno na escola, uma vez que se parte do princípio que o perfil de alunos da faixa etária dos anos iniciais e, finais e médio da Educação Básica não promovem a própria habilidade de leitura em suas “horas vagas, tempo livre, momentos de lazer ou hobbies”. Seria injusto, por extensão, a cobrança por parte dos professores que os estudantes pratiquem a leitura à medida em que os docentes demonstram índices baixos de desenvolvimento da própria leitura e também demonstram uma preocupação abaixo do esperado, o que não significa dizer que não exijam habilidades desses alunos.

Em relação a percepção sobre o rendimento de leitura, os professores admitem que 31,9% dos seus alunos leem e escrevem muito mais que outras gerações conforme ilustra o Gráfico 21.

Gráfico 21 - Percepção sobre o rendimento de leitura dos alunos



Fonte: Questionário eletrônico de pesquisa | Coleta de dados, 2018.

Outros 27,7% dos respondentes admitem que seus alunos apresentam graves dificuldades de ler e escrever. Entretanto 25,5% dos respondentes admitem que seus alunos leem e escrevem menos que outras gerações. Outra porção dos entrevistados (8,5%) admitem que seus alunos leem e escrevem como as outras gerações, já 6,4% admitem que seus alunos leem e escrevem muito mais que outras gerações. A percepção a esse respeito por parte dos professores denuncia e mensura um alto índice de dificuldades na leitura e de produção textual dos estudantes comparado às gerações anteriores e também uma expectativa elevada em relação ao desempenho dos alunos nesse quesito que, invariavelmente, interfere em todas as áreas do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto atual de uma sociedade do conhecimento eleva a responsabilidade social do papel do professor frente aos temas interdisciplinares e transversais que garantam uma formação ampla dos estudantes entretanto, os próprios professores estão imersos nesta realidade virtual sejam aqueles nascidos na geração analógica sejam os que já lecionam e nasceram na era digital. As dinâmicas sociais e de aprendizagem requerem o uso de aplicações inovadoras para a elaboração das aulas, mas o próprio lugar de onde nascem inspirações para o planejamento didático está no éter eletrônico. Isso é constatado a partir da observação dos dados que quantificam a utilização em massa de aplicativos digitais, portais de notícia na internet e mídias e redes sociais para se informar.

Esse contexto apropriado pelos professores que também usam o mesmo WhatsApp dos alunos para se comunicarem em grupos e para ser um canal de comunicação de funcionários em uma instituição de ensino, por exemplo, é indissolúvel da realidade virtual, de aplicações inovadoras. Portanto, a experiência com práticas inovadoras na sala de aula que transcendam à apostila convencional são tentativas de criar espaços propícios para a aprendizagem, explorando novas linguagens que despertem interesse nos estudantes e os convidem a estudar e praticar o exercício da leitura mesmo sem perceber que estão desenvolvendo seu espectro cognitivo.

Constata-se que a maioria de professores estão preocupados com as práticas da sala de aula que estimulem a leitura. Nesse sentido, a formação para a leitura e o despertar do interesse por ela, deve estar entre as prioridades de qualquer instituição de ensino comprometida com o desenvolvimento da formação dos públicos que atende.

Pela pesquisa foi possível verificar as condições atuais de estrutura das instituições segundo as respostas obtidas, onde mais que 31,9% declararam que a infraestrutura é insuficiente, contudo, 29,8% acham que é muito bom, enquanto 17% acham as condições boas e, por sua vez, 14,9% acham suficiente para desenvolver as aplicações necessárias ao aprendizado dos estudantes.

Percebe-se que em relação ao rendimento de leitura dos alunos de maneira geral, da nova geração de alunos que 24,4% leem e escrevem menos que outras gerações,

por consequência, 28,9% apresentam graves dificuldades de ler e escrever, enquanto que 31,1% apresentam dificuldades normais de ler e escrever.

Entretanto, 57,4% dos professores costumam fazer leituras dinâmicas com seus alunos estimulando a leitura e pelo menos uma vez por semana. 42,6% dos professores perguntam sobre o que seus alunos estão lendo e oferecem tempo para que os mesmos façam leituras livres em sala de aula.

Baseado nas respostas dadas ao questionário foi possível observar que mais da metade dos professores (52,3%) leem até 5 livros por ano, 25,5% leem de 6 a 12, 26,5% leem de 13 a 20 livros, enquanto 14,9% leem mais de 21 livros por ano. É a partir desses dados principais que se validou, no presente trabalho, algumas conclusões principais.

Observa-se, portanto, uma modificação, um novo arranjo no campo da leitura (literatura artística ou técnica). Tendo conhecimento ou não, existe a “asujeitação histórica” do indivíduo, isto é, a literatura nunca foi popular. É bom retomar o capital simbólico exposto por Bourdieu (1997), pensamento no qual ele divide o capital em três dimensões principais: capital social, capital financeiro e capital intelectual. Refere-se esse autor por razões de que, principalmente, o capital intelectual é acessado por aqueles que possuem um capital financeiro. A conquista de um dos três capitais trará o acesso aos outros. De forma que se seja obtido um capital intelectual alcançando o título de doutor, logo estar-se-ia imerso em grupos sociais abastados (capital financeiro) e, por extensão, ampliando uma rede de contatos (capital social).

Identificou-se e analisou-se, portanto, que as tecnologias e estratégias utilizadas pelos docentes da educação básica de nível fundamental de Navegantes/SC e médio técnico do IFC Camboriú (Camboriú/SC) são variadas nas configurações digitais. O município de Navegantes dispõe de salas e escolas equipadas e preparadas para os professores atenderem às necessidades de suas aulas. No IFC, o padrão tecnológico também é reforçado por estar sob uma autarquia federal. Então, depreendem-se dessa análise, estímulos visuais como filmes e séries, jogos digitais, disposição dos alunos em sala, uso de espaços abertos, laboratórios e dispositivos móveis como smartphone para aplicações e desenvolvimento de conteúdos e, também, aprimoramento da leitura e da busca por informação.

Três gráficos gerados a partir das questões do formulário são importantes nesta fase da pesquisa: Gráfico 8) Quais ferramentas costuma usar em suas aulas?; Gráfico 12) Quais estratégias você costuma usar em suas aulas? e; Gráfico 14) Você utiliza alguma das didáticas abaixo para promover aulas diferenciadas? Tais questionamentos respondem ao problema de pesquisa: quais as tecnologias e estratégias que os docentes utilizam para incentivar a prática da leitura nas escolas? A associação entre essas questões combina uma prática educacional que transcende a condição de livros físicos, pois, conforme o Gráfico 8, a maioria dos professores (87,8%) afirma utilizar ferramentas como livros, apostilas e revistas, mas combinam a lousa digital e/ou data show como segundo recurso mais utilizado por 65,3% dos entrevistados, seguido da caixa de som com 51%. As tecnologias digitais como celulares smartphones aparecem como estratégias listadas por 40,8% dos professores. O laboratório de informática é utilizado por 36,7% dos entrevistados, seguido pelo uso de câmeras, filmadoras e gravadores de som em 18,4% das respostas.

É interessante perceber no que as duas estratégias mais utilizadas são trabalhos em grupo (89,8%) e trabalhos individuais (75,5%), respectivamente. Os filmes e as atividades lúdicas aparecem em seguida, ambos com 63,3% de índice de utilização pelos professores. A música aparece com 59,2% de utilização, exercícios da apostila 46,9% e jogos educativos 40,8%. Números estes que correspondem às estratégias incorporadas com uma frequência média entre os professores. O uso de site e de dança empata em 38,8%. Desafios se apresentam em 34,7% dos casos, os trabalhos sugeridos pela apostila em 32,7%, teatros em 30,6%, passeios em 30,6% e, finalmente, visitas técnicas em 24,5%, fechando, assim, a lista de estratégias utilizadas acima de 20% dos respondentes. É possível observar nas estratégias com índices inferiores a 20% que aplicativos de celular, programas regravados de TV ou seriados, jogos educativos virtuais e viagens de estudos apresentam baixa adesão como estratégias didáticas, levando em consideração os custos, o acesso e a viabilidade de execução.

Entre as didáticas, o Gráfico 14 aponta as pesquisas em bibliotecas, acervos e/ou laboratórios aparecem como segunda didática mais utilizada por 38,8% dos entrevistados, seguido da aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem por pares/times em sala de aula com 30,6%. Estudo de caso aparece com 28,6%, já a

didática da sala de aula invertida é utilizada por 8,2% dos entrevistados, enquanto que outros 8,2% responderam que não utilizam as didáticas listadas para promover aulas diferenciadas. Não obstante, 2% dos entrevistados utilizam seminários e as unidades didáticas tendo como perspectiva a unidade entre atividade teórica e atividade prática, ou seja, a práxis educativa. Tais nuances se apresentam como um novo comportamento do ato de ler e uma nova configuração também de estímulos à leitura partindo ou não dos professores e de forma dialógica em que, na medida que ensina, o professor também pode receber sugestões do que o aluno já leu. Desta forma um estímulo nas aulas pode levar o aluno ao encontro da linguagem dos jogos que exercita em casa. Desta forma teremos diversas plataformas capazes de proporcionar a leitura mesmo que seja fazendo parte dela como é o caso dos videogames ou assistindo à leitura/interpretação que alguém deu à uma história no caso das séries, filmes e cinema e também não menos importante a própria leitura clássica que possibilitará imaginar cenários e personagens únicos em cada mente.

Um panorama geral dos universos educacionais selecionados relacionados aos dados de pesquisa e à base teórica discutida aponta que os alunos desenvolvem leituras e escritas em proporções volumosas comparadas às gerações anteriores. Uma vez reconhecida a limitação dos acessos aos livros e que ainda vigoram, perdurando na restrição tecnológica. O diagnóstico principal seria que os alunos escrevem e leem pouco em uma escala que consideraria a potencialidade dos recursos disponível por essas instituições, mas que superam expectativas em relação ao desenvolvimento de habilidades da leitura comparado às demais gerações e seus respectivos recursos de época.

As tendências pedagógicas dos professores relacionados na pesquisa rumam para práticas pedagógicas híbridas que ensaiam aulas protótipos de integração com tecnologias e, principalmente, estímulos de leitura por outros canais sensoriais que não se limitam à habilidade motora de escrever, mas realinham a coordenação motora fina para plataformas digitais e não apenas mais o livro físico e o caderno.

Por fim, é preciso admitir que novas configurações de leitura estão surgindo e que não se tem a dimensão exata da mudança que aparenta ser estrutural. Não se pode considerar que a escrita, por exemplo, se dá somente em uma folha manuscrita. A

produção textual e a leitura estão a todo vapor nas mídias e plataformas digitais, desde os e-mails até vídeo chamadas de aplicativos usadas principalmente pelos professores que são o exemplo e espelho para muitos alunos sem referências. Quando se percebe que os professores diminuem a quantidade de leitura de livros físicos por ano, questiona-se essa transformação da leitura que se reencontrará adaptada em outras formas suprimindo as demandas necessárias do conhecimento.

6 REFERÊNCIAS

ALGARTE FILHO, F. G. **O afago à leitura rasa e o afogar da escrita.** In: Jornal Folha de Londrina - PR, fevereiro de 2017. Disponível em <<https://www.folhadelondrina.com.br/colunistas/espaco-aberto/o-afago-a-leitura-rasa-e-o-afogar-da-escrita-969115.html>>. Acesso em 14 de outubro de 2018.

ALVES, E. L. **A pós-verdade e os desafios para o jornalismo.** Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177688>>. Acesso em 09 de nov. 2018.

BASTOS, C. C. **Metodologias ativas.** 2006 apud BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes.** Seminário: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DIESEL, A.; MARCHESAN, M. R.; MARTINS, S. N. **Metodologias Ativas de Ensino na Sala De Aula: Um Olhar de Docentes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.** 2016. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos?article/viewFile/1008/995>>. Acesso em 14 out. 2018.

EXPLORADOR. **William Glasser: psiquiatra americano, aplicou sua teoria da escolha para a educação.** 2017. Disponível em: <<http://www.oexplorador.com.br/william-glasser/>>. Acesso em 29 de out. 2018.

FERREIRA, S. R. **A docência na EaD.** In: Anais 5º Seminário Internacional de Educação a Distância, Eixo 2 - Trabalho Docente na Educação a Distância. CEAD - UFMG - 2 a 4 de setembro 2013 - Meios, atores e processos. Disponível em <https://www.ufmg.br/ead/seminario/anais/pdf/Eixo_2.pdf>. Acesso em 13 de nov. 2018.

GLASSER, W. **Control theory in the classron, New York:** Perennial Library, 1986.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO - IBOPE. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.** São Paulo: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, mar. 2016. Disponível em <

http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 13 de out. 2018.

MACHADO, L. **Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa**. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOLL, J. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PACHECO, E. **Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Moderna, 2011.

PRATA, M. **Amor, só de letras**. O Estado de S. Paulo, 20 set. 2000. Disponível em: <http://www.marioprata.net/cronicas/amor_so_de_letras>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

QUINTINO, A. S. S. et al. **O uso das atividades interativas pedagógicas como estímulo na formação de leitores**. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/66supl/0116.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

RAMOS, M. **Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica**. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RASLAN, V. G. S. **Uma Comparação do Custo-Aluno entre o Ensino Superior Presencial e o Ensino Superior a Distância**. Campo Grande, MS, 2009. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Mato Grosso. 2009.

SILVA, J. L.; ZONTA, S. **Os Riscos e o Impacto da Era Pós-Verdade no Jornalismo**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0727-1.pdf>>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

SCHNEIDER, E. I. et al. **Blended learning: o caminho natural para as instituições de ensino superior**. São Paulo: ABED, 2014. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/105.pdf>>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.